AQUISIÇÃO DE LÉXICO: UMA ANÁLISE DE DADOS COLETADOS NATURALISTICAMENTE

Meiry Peruchi Mezari¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo:

Neste artigo, discute-se, com base em uma coleta naturalística, a aquisição de léxico de uma criança de 22 meses de idade. As palavras enunciadas pela criança foram analisadas à luz dos estudos de aquisição e desenvolvimento de léxico, considerando-se, também, a fonologia, a morfologia e a sintaxe. Os dados coletados permitiram – apesar de a informante falar um pouco menos do que o esperado para sua idade e realizar grande parte da interação e comunicação através de gestos – que se confirmasse o que está na literatura, considerando-se os estudos de Costa e Santos (2003), Lowe (1996), Pinker (2002) e Scarpa (2006)².

Palavras-chave: psicolinguística; aquisição de linguagem; léxico.

Abstract:

This article discusses, based on naturalistic data, the acquisition of the lexicon of a 22 month old child. The words uttered by the child were analyzed taking into account studies of the acquisition and development of the lexicon, and considering as well the phonology, morphology and sintaxe. The data allowed – in spite of the informant speaking less than expected for his age and communicating and interacting mostly through gestures – the confirmation of what is in the literature considering the studies of Costa e Santos (2003), Lowe (1996), Pinker (2002) and Scarpa (2006).

Key-words: psycholinguistics; language acquisition; lexicon.

¹ Trabalho elaborado para a disciplina Psicolinguística, sob orientação da Prof^a Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti.

² Estamos conscientes de se tratar de autores adeptos de epistemologias distintas; quanto ao desenvolvimento linguístico, porém, no tangente a etapas normalmente identificáveis na aquisição da linguagem por parte das crianças, não parecem tais teóricos sustentar oposições expressivas entre si.

I. Introdução

A partir da evolução dos estudos de Psicolinguística focados em aquisição da linguagem, tomando-se por base as fases – generalizantes – de aquisição da linguagem presentes na literatura³, partiu-se para uma pesquisa envolvendo a aquisição de léxico, tendo como informante Rafaela (R), de 22 meses de idade. O objetivo da pesquisa foi identificar as palavras enunciadas pela criança, em situação naturalística, e analisá-las à luz dos estudos de aquisição e desenvolvimento de léxico, considerando-se, também, a fonologia, a morfologia e a sintaxe.

A coleta de dados foi realizada em aproximadamente dez horas, através de anotações dos enunciados proferidos por R, no momento das enunciações. No período de coleta de dados, R estava sempre com a avó, que cuida dela durante o dia, enquanto os pais da menina trabalham. A avó parecia estar o tempo todo em função da neta. Apesar da não convivência anterior com R, ela pareceu estar bem à vontade na presença de um “estranho” a observando. Isso foi confirmado a partir de um comentário da avó, sobre o fato de R não ter se inibido com alguém que ela não conhecia observando-a e, além disso, ter se sentido à vontade até para interagir – a partir de brincadeiras, desenhando ou mostrando brinquedos e fotos – com essa pessoa.

³ Costa e Santos (2003), Lowe (1996), Pinker (2002) e Scarpa (2006).

2. Descrição e análise dos dados

De acordo com Costa e Santos (2003), a aquisição da linguagem inicia-se muito antes da primeira enunciação da criança. Independentemente das diversas epistemologias tomadas pelos estudiosos – como inatismo, interacionismo, sociointeracionismo ou conexionismo –, em geral há consenso no que respeita à ideia de que existe uma enorme diferença entre o que os bebês entendem e aquilo que produzem.

Como R tinha 22 meses na ocasião da coleta de dados, esperava-se que ela já tivesse passado do período das cinquenta primeiras palavras, estando entre esse e o período da “explosão do vocabulário”. Notou-se, porém, um baixo nível de enunciações, e com articulação ainda truncada⁴. Quando queria alguma coisa, muitas vezes, R apontava o dedo para o objeto e produzia um som sem significado – “uh” –, ao invés de enunciar o nome. Como é a primeira filha do casal, e, quando está com a avó, é atendida prontamente, provavelmente não sente tanta necessidade de enunciação, pela pouca demanda interacional para tal. Assim, se tivesse que “disputar”, por exemplo, a atenção da avó com outras pessoas, R provavelmente teria que se enunciar mais. A atitude da avó é um exemplo como o dado por Scarpa (2006) que, apesar de tratar-se da fase do balbucio, ilustra uma situação parecida com a de R, que já não balbucia e, sim, enuncia algumas palavras: “A criança estende a mão para um brinquedo e vocaliza algo; a mãe imediatamente interpreta o gesto e a voz da criança e responde algo como: O au-au! (nomeando)... É o

⁴ Por *truncada*, para as finalidades deste estudo, entende-se “incompleta”, “imperfeita”. Isso porque a maioria das palavras foi enunciada por R ou com sons omitidos ou com sons trocados, devido ao fato de ela ainda não ter todos os fonemas disponíveis.

au-au que você quer? (enquadrando o turno da criança em algum significado ou numa cadeia de signos linguísticos).” (p.226-227). Ainda que essa passagem suscite o olhar interacionista da autora – permitindo a inferência de que, na relação intersubjetiva, a criança se apropria de sentidos –, leva a considerar, por outro lado, que a sobreposição imediata de turnos de fala na interação com a criança pode contribuir para que ela abrevie suas enunciações.

Analisando-se as enunciações de R, em 194 ocorrências, tem-se 44 diferentes palavras, dentre as quais 24 são substantivos⁵, doze são verbos⁶, quatro são advérbios⁷, duas são adjetivos⁸, uma é pronome interrogativo⁹ e uma é interjeição¹⁰. Todas as palavras foram enunciadas isoladamente, ou seja, R ainda não havia “entrado” na fase em que as crianças combinam duas palavras, o que sugere um expressivo atraso no processo de desenvolvimento da sintaxe.

A palavra com mais saliência nas enunciações de R foi “neném”, com 31 ocorrências. Essa alta incidência ocorre pelo fato de a criança se autorreferir como “neném”, nenhuma vez enunciando seu próprio nome¹¹. Assim, enquanto mostrava o álbum de fotos, a cada retrato seu, apontava e enunciava “neném”, totalizando vinte ocorrências

⁵ “Vovó”, “vó”, “au-au”, “qué-qué”, “bô” (bola), “bi” (bico), “chá”, “neném”, “Babá”, “Ra”, “vovô”, “Tiaá”, “mamãe”, “bê”, “pé”, “mão”, “papai”, “Gá”, “dedê”, “gogô”, “um”, “u”, “a”, “Bobô”.

⁶ “Tem”, “ê”, “caiu”, “bô” (acabou), “fô” (fechou), “dá”, “gá” (apagar), “nhá” (engatinhar), “chô” (achou), “naná”, “dói”, “vem”.

⁷ “Não”, “aquí”, “ali”, “lá”.

⁸ “Bom”, “chujo”.

⁹ “Adê”/“dê” (cadê).

¹⁰ “Tchau”.

¹¹ Segundo os estágios de desenvolvimento definidos por Piaget, R ainda estaria no período sensório-motor, que vai do nascimento até os dois anos de idade, aproximadamente. Esse período é marcado pela passagem de uma situação de indiferença total entre o sujeito e o objeto para uma situação de constituição do sujeito e do objeto progressiva e solidária. Assim, provavelmente ao ser sempre chama de “neném” pelos que estão em seu entorno, e não de “Rafaela”, a criança esteja se constituindo como “neném”, assim se automeando.

apenas nessa situação. Outras ocasiões em que enunciou “neném” como autorreferência foram apontando para seu travesseiro, pedindo para colocá-la em determinado lugar (também apontando) e respondendo a perguntas da avó.

Percebe-se, assim, que R parecia estar no período denominado “holofrástico”, que, segundo Lowe (1996, p.45), “refere-se ao conceito de que a criança utiliza uma palavra para indicar uma ideia completa. Durante esta fase, a ligação entre o objeto e seu signo – tanto nos níveis da produção quanto nos níveis da concepção – ainda não foi firmemente estabelecida.” A fase de uma palavra, de acordo com Pinker (2002, p.339), “pode durar de dois meses a um ano”. Outra palavra bastante saliente que foi usada para indicar ideias completas foi “bô” (bola), que apareceu 21 vezes, em diversas situações: para pedir a bola, para pedir que se desenhasse a bola, enquanto procurava a bola e correndo atrás dela para chutá-la.

Os substantivos enunciados por R referem à concretude de seu entorno, o que vai ao encontro do que afirmam Costa e Santos (2003), pois as palavras que os bebês selecionam geralmente fazem parte do ambiente que as rodeia. Pinker (2002) remete a estudos que há mais de um século vêm sendo realizados em diversos países com cientistas observando e anotando as primeiras palavras de seus filhos, e comenta o fato de as listas serem quase idênticas: “Quase metade das palavras são para objetos” (p.339). Remete-se, aqui, a listagem de Pinker, e o equivalente realizado por R: *comida* – “chá” –, *partes do corpo* – “pé”, “mão” –, *roupas, veículos, brinquedos* – “laiá” (a boneca Lalá), “bê”, “a”, “u” (nomes das letrinhas com as quais brinca), “um” (numeral), “neném” (outra boneca), “Gá” (Pingá, personagem de animação) –, *apetrechos domésticos* – “dedê” (mamadeira), “bi” (bico) –, *animais* – “au-au” (cachorro), “que-qué” (pato) –, e *pessoas* –

Ao pé da letra

VERSÃO ONLINE - ISSN 1984-7408

“vovó”, “vó”, “Ra”, “vovô”, “mamãe”, “papai”, “Babá” (Bárbara, a madrinha), “Bobô” (Rodrigo, o padrinho).

Ao chamar a madrinha Bárbara de “Babá”, R está fazendo o esperado – reduplicando a sílaba tônica da palavra. Ao chamar o padrinho Rodrigo de “Bobô”, porém, percebe-se um comportamento morfológicamente bastante significativo. Se fosse seguir a lógica aplicada em “Babá”, provavelmente R chamaria o padrinho de “Didi”, considerando-se que a segunda sílaba é a tônica, e a dificuldade de articulação de sílabas com *onset* ramificado (formato consoante-consoante-vogal), como “dri”. Conforme Lowe (1996, p.45), no estágio das cinquenta primeiras palavras, é característica a “limitação das estruturas silábicas e das produções segmentais utilizadas. Levando-se em conta seu repertório de palavras relativamente pequeno, pareceria lógico concluir que as crianças não produzem uma grande gama de estruturas silábicas e segmentos de sons”. Por que R estaria chamando o padrinho de “Bobô”, então? Muito provavelmente, por meio de flexão nominal de gênero: a partir de “Babá”, com a substituição da desinência de gênero feminino *-a* pela vogal temática *-o*¹². Essa hipótese tem ainda mais probabilidade por ter sido comentado, pela avó de R, que, a princípio, ela chamava apenas a madrinha de “Babá”, e, só depois de algum tempo, “assimilou” isso e passou a chamar o padrinho de “Bobô”.

Os adjetivos enunciados por R foram “bom” e “chujo” (sujo), que provavelmente têm bastante saliência em seu *input*. A enunciação

¹² Tomando-se a perspectiva de Kehdi (1990, p.30): “Ao contrário do que vinha afirmando a tradição gramatical portuguesa, segundo a qual a uma forma masculina em *-o* se opõe a uma forma feminina em *-a*, Mattoso Câmara propõe uma descrição original, de masculino $\emptyset$ em oposto a um feminino em *-a*.” Neste trabalho, essa posição será seguida, considerando-se *-o* como vogal temática, sendo o masculino, assim, uma forma não marcada.

de “chujo” mostra a dificuldade em articular a fricativa alveolar surda /s/. Ao pronunciar a palavra, porém, substitui o /s/, que não consegue articular, pela fricativa palatal surda /ʃ/, ou seja, trata-se de um contexto em que há mudança apenas do ponto de articulação, mantendo-se as outras características. Segundo Costa e Santos (2003, p.95), “[...] as crianças produzem sílabas com formatos simples e usam os sons que mais se opõem em termos de sonoridade. Desse modo, serão capazes de dizer *pa* para *pato*, mas dirão *ta* para *chave*, por exemplo, substituindo o som fricativo pelo som oclusivo mais próximo”. As fricativas estão entre os últimos fonemas que as crianças articulam. A articulação do substantivo “gogô” (cocô), também ilustra a substituição de um fonema (/k/) por outro (/g/), realizado da mesma maneira, no mesmo ponto de articulação, diferindo-se apenas pela oposição surda/sonora. No inventário fonético dos bebês, em geral os primeiros fonemas são as vogais /a/, /i/, /u/ e as oclusivas nasais e orais anteriores, como /p/, /b/, /m/, /n/, /d/ e /t/, o que justifica a facilidade de articulação do adjetivo “bom”.

A interjeição “dau” (tchau) foi a única registrada, e, em se tratando da realização fonética, vai ao encontro do que já foi discutido, pois possui como fonema inicial uma africada, ou seja, combina o som de uma oclusiva com uma fricativa, tendo uma articulação mais complexa. Assim, o fonema /tʃ/ é substituído por /d/. Segundo Costa e Santos (2003, p.94), na fase das primeiras palavras, “[...] continuam a se desenvolver as capacidades fonológicas da criança. Nem todos os sons estão ainda disponíveis. Sabe-se que há sons que são produzidos antes de outros. Essa ordem não é arbitrária, mas corresponde a uma escala de sonoridade.”

Como se pôde perceber ao tratar dos substantivos, eles são tipicamente selecionados na fala das crianças, tendo, nos dados de R, elevada realização, em relação às outras classes de palavras. “Esta escolha deve, obviamente, prender-se com o facto de os substantivos serem as palavras com maior força denotativa. Os advérbios e adjectivos empregues são pouco frequentes, à excepção de palavras [...] muito salientes no *input*” (COSTA e SANTOS, 2003, p.96). A única ocorrência de pronome, por exemplo, foi o interrogativo *cadê*, tendo variação de pronúncia entre “dê” e “adê”. Lowe (1996) alude à variabilidade fonética, que se refere “[...] às pronúncias bastante instáveis das primeiras 50 palavras da criança.” (p.45). Não se sabe, porém, por que algumas palavras são mais estáveis que outras. Apesar de ter sido enunciado nove vezes (entre uma pronúncia e outra), todas as enunciações de *cadê* realizadas por R sinalizam ocorrências que remetem a uma fórmula fixa, em ocasião de se esconder atrás de alguma coisa para que alguém a encontrasse. Acredita-se, assim, que o pronome tenha alta incidência no *input* de R.

Depois de se esconder e ser encontrada, R enunciava “chô!” (achou), o que reforça a hipótese de que seja uma fórmula fixa utilizada apenas nesse contexto. Além de *achou*, a maioria dos verbos enunciados por R estava flexionada na terceira pessoa do singular, ora no presente, ora no pretérito perfeito do indicativo: “tem”, “é”, “dói”, “caiu”, “fô” (fechou), “bô” (acabou). Outras formas verbais produzidas foram “naná”, “gá” (apagar) e “nhá” (engatinhar), no infinitivo, e “vem” e “dá”, no imperativo, também na terceira pessoa do singular. Nas formas mais longas, R produziu apenas a sílaba acentuada, assim como nos substantivos. Segundo Costa e Santos (2003, p.96), “[...] nas produções iniciais de formas verbais, não é escolhida uma forma arbitrariamente. Tipicamente, as crianças

produzem formas de terceira pessoa do singular”. Isso porque, ainda segundo os autores, “[...] há, em línguas como o português, uma grande predominância do uso da terceira pessoa do singular, mesmo quando as crianças se referem a si próprias.” (p.101-102)

Os advérbios enunciados por R foram quatro: “aqui”, “ali”, “lá” e “não”, tendo esse último alta incidência – treze registros –, sempre em resposta a questionamentos da avó. O advérbio “ali”, registrado uma vez, foi enunciado juntamente com o apontador dêitico “oh”, na ocasião de indicação de objeto. Mesmo com essa combinação, porém, não há como saber se R estava dizendo as duas formas ou tomando-as como uma só. Isso porque, considerando-se que ela ainda se encontrava no período holofrástico, ainda não faria “combinações”. Costa e Santos (2003), por exemplo, ilustram ocorrências em que duas formas são tomadas como se fossem uma só, como o caso em que uma criança dizia “não sei”. Mais tarde, porém, ao utilizar mais produtivamente o verbo *saber*, regularizava-o, dizendo “sabo”. Já outra criança, fã do filme *A Branca de Neve e os Sete Anões*, era sistemática ao falar “Sete Anões”. Numa fase mais adiantada, contando bonecos, dizia: “Um sete anão, dois sete anões, três sete anões”. Segundo os autores, “[...] isto mostra que a criança ainda não fazia uma distinção entre o numeral e o substantivo, mas estava a tomar a sequência de duas palavras como se fosse uma palavra só”. (p.97-98)

3. Conclusão

O presente estudo pretendeu realizar um breve levantamento sobre o léxico de uma criança em fase de aquisição de linguagem (22 meses). Pela idade em que a informante se encontrava, esperava-se

que estivesse entre a fase das cinquenta primeiras palavras (que, segundo a Pinker (2002) e Costa e Santos (2003), vai até aproximadamente dezoito meses) e a “grande explosão”. O que se observou foi a enunciação de 44 palavras, entre substantivos (24), verbos (12), advérbios (4), adjetivos (2), pronome (1) e interjeição (1). O fato de R ainda estar no período denominado “holofrástico” e enunciar menos de cinquenta palavras pode ser considerado bastante estranho, considerando-se seus 22 meses de idade, mesmo com pouca “demanda” de enunciações. É importante ressaltar-se, aqui, que a coleta de dados foi bastante pontual. Assim, é difícil tirar-se maiores conclusões. Em relação às classes gramaticais, como citado durante a discussão dos dados, nessa fase, devido ao poder denotativo dos substantivos, esperava-se que eles fossem maioria entre as palavras enunciadas por R, assim como os verbos, em segundo lugar, e poucas quantidades de palavras de outras classes gramaticais. As enunciações todas referiam à concretude do entorno da criança, já que “[...] as palavras seleccionadas pelos bebês são geralmente palavras que fazem parte do ambiente que as rodeia.” (COSTA; SANTOS, 2003, p.92)

As palavras, quando longas, foram enunciadas apenas com a sílaba tônica, ocorrendo, algumas vezes, o processo de reduplicação. A estrutura silábica, em grande maioria, seguiu a estrutura consoante-vogal, não ocorrendo palavras constituídas por sílabas com *onset* ou *rime* ramificados, como em *flor* ou *dor*.

É importante, como se trata disso com maior ênfase no trabalho, lembrar que o léxico de uma língua é condicionado culturalmente, e é o que mais varia dentro de cada língua, se comparado à morfologia, à sintaxe, aos fonemas etc. As palavras que uma criança enuncia refletem dois aspectos interessantes, de acordo

com Costa e Santos (2003, p.92): “[...] por um lado, a forma como o vocabulário se organiza e, por outro, a forma preferencial como nos dirigimos às crianças.”

Sendo a língua/linguagem verbal um mecanismo essencial à interação humana, é relevante, também, pensar que, apesar de a aquisição da linguagem iniciar muito antes de a criança abrir a boca e proferir uma palavra, “[...] com a ajuda da fala, a criança começa a controlar o ambiente e o próprio comportamento” (SCARPA, 2006, p.213). Apesar de enunciar apenas palavras isoladas, R estava em constante interação. Ao tomar suco, por exemplo, balançava a caixinha e dizia: “bô!” Até que se fizesse algum comentário. Então, ela tomava novamente e dizia: “tem!” Em outros momentos, porém, a necessidade de enunciar para se fazer entender parecia limitada, talvez consequência, entre outros possíveis fatores, da rapidez com que a informante era atendida pela avó ao menor sinal de fala. R fala um pouco menos do que o esperado para sua idade e realiza grande parte da interação/comunicação através de gestos. Pinker (2002, p.339) lembra, porém, que “[...] bebês são pessoas, só que menores. Algumas se interessam por objetos, outras gostam de papear.” Logo, à luz de Pinker, outra possível explicação para as enunciações reduzidas seria o fato de se tratar de um bebê, nessa fase, mais lacônico. As pesquisas longitudinais sobre aquisição da linguagem têm muito mais a dizer do que esse estudo. As dificuldades, porém, são grandes, pois requerem muito tempo e disponibilidade.

A partir desse breve estudo, pôde-se ter a “confirmação na prática” de vários estudos sobre aspectos da aquisição da linguagem, tanto do léxico quanto de outras questões. Apenas a observação, porém, não dá “garantias” sobre como acontece, de fato, esse processo, pois, como afirma Pinker (2002, p.341): “Há mais coisas

ocorrendo na mente das crianças do que o que sai por suas bocas. Antes de conseguirem juntar duas palavras, os bebês compreendem uma frase usando sua sintaxe”.

Referências

COSTA, João; SANTOS, Ana Lúcia. (2003) *A Falar como os bebês. O desenvolvimento linguístico das crianças*. Lisboa: Editorial Caminho.

KEHDI, Valter. (1990) *Morfemas do português*. São Paulo: Ática.

LOWE, Robert. (1996) *Fonologia*. Porto Alegre: Artes Médicas.

PINKER, Steven. (2002) Bebe nasce falando – descreve céu. In: _____. *O Instinto da Linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

SCARPA, Ester Mirian. (2006) Aquisição da Linguagem. In: MUSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs.) *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. v. 2. 5. ed. São Paulo: Contexto.